

Os piratas querem-me (roubar o espírito que é meu)

20:06

Para mim, a bíblia é uma complexidade de coisas, seria preciso estar livre, não ser pobre, para me sentar e ver e investigar e ver a origem, ver a fonte, ver a história, ver donde é que veio cada coisa, enfim, não tenho tempo, sou pobre e tenho um cérebro-escriptor que quer escrever e eu tenho de dar atenção é ao meu cérebro que está ligado com Deus e não aos outros cérebros que estão ligados sei lá com o quê e com quem. Assim, sou um testemunha de Deus, mas diferente. Venho com novos algoritmos. Venho com *O Algoritmo do Amor* na mão. Venho com o *2080* de Antoine Canary-Wharf na mão. Digo que o Vaticano tem escondido um dos 6 exemplares da 1ª Ordem da 1ª Impressão de *2080* de Antoine Canary-Wharf. Venho com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy, porque sei que para ir para o Parlamento eu tenho de levar é *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. Olho para os testemunhas de Jeová com compreensão, sou empático com eles, mas não sou empático com quem lhes mete o programa na cabeça, com esses cabeçudos que vão ao Salão do Reino dizer uma coisa e eu vejo outra. Eu fui para cama com todos. Fui com testemunhas de Jeová, fui com católicos da Opus Dey, fui com a Juventude Monárquica, fui com a Tauromaquia, enfim... Fui com todos. Todos enganaram-me. Todos prometeram-me amor eterno. Fui enganado mais do que 100 vezes e nunca, mas nunca, deixei de acreditar no amor. E por eu nunca ter deixado de acreditar na força do amor é que eu hoje tenho nas mãos *O Algoritmo do Amor*. Foi através d'*O Algoritmo do Amor* que eu cheguei à cabala da vida.

Aprendi a cabala da vida. E quando aprendi, vi a cabala na fonte sagrada. É engraçado irmos a uma fonte e vermos uma coisa que ninguém está a ver. E isso é sagrado. É só esse o segredo. Não podemos dizer onde está a cabala. A cabala tem de ser descoberta por cada um. E só aqui o segredo da vida. Têm de ser os próprios olhos a ver as coisas. Ninguém pode dizer. É segredo. É a Magia das Coisas. É por isso que a fonte não devia ser fotografada. Porque é sagrada. O que é sagrado, não deve ser fotografado. Pode ser fotografado, mas não deve ser publicado. Só deve ser revelado em segredo, numa Intimidade de Coisas, enfim, coisas sagradas. E foi na fonte sagrada, que eu vi abreviadamente o número 666 escrito em hebraico. E pensei que, afinal, eu não tinha mais medo deste número e comeci a questionar se eu poderia escrever o número e se poderia falar sobre isto. E vem, de repente, todo um processo de coisas que eu nem sequer podia imaginar. Parece que só de escrever um número que eu tinha medo de escrever, fui logo parar a um submundo.

E eu estava indeciso. Porque tinha medo que a minha tia Constança ao ler as minhas coisas dissesse que eu era o Diabo. O meu medo era a tia Constança... Tinha medo que a tia Constança, testemunha de Jeová, agarrada a uma bíblia de coisas que diz que o número 666 é o número do Diabo e que eu por ser homem não me posso deitar na cama com outros homens ou não posso amar um homem, fosse chamar a avó a dizer que eu estava a invocar o Diabo... Quer dizer, já não bastava namorar com um homem, já não bastava criticar os testemunhas de Jeová e a bíblia “sagrada” numa proibida e censurada passagem que escrevi com todo o meu espírito e coração n’*O Algoritmo do Amor* e agora ia começar a escrever sobre o número 666? Isto era de loucos!!! Iam logo dizer que eu tinha “passado para o outro lado” ou que tinha feito um “pacto com o Diabo”... E comeci a pensar que a minha vida tinha uma limitação e isto não fazia sentido.

Quer dizer, eu entrava, se fosse preciso num banco financiado pelo Estado a exigir que a minha escrita fosse financiada, porque havia um Fundo Perdido Europeu destinado à minha escrita e se o banco não me financiasse eu ia dizer qual é que era o banco mau, mas depois não era capaz de falar sobre o número 666? À

minha Nova Ordem de Ideias isto não podia fazer sentido, porque isto era um grémio que eu tinha e eu tinha de libertar o grémio, eu tinha de libertar o demónio que havia em mim. Porque seria no banco que eu libertaria o meu demónio, era no banco que eu o tinha de libertar... Porque é no banco mau que eu o vou libertar, se o banco não der crédito ao projeto da minha vida, quando há uma linha de crédito muito espiritual destinada ao meu projeto de vida. Como as igrejas, há bancos que vão ter de cair. Há bancos que vão cair se estão a bloquear os projetos mágicos, divinos e sagrados da vida! Vamos ver coisas a cair. Porque há coisas que têm de cair. Há direitos de merda, há financiamentos de merda, financiamentos negros, agendas de merda, agendas negras, planos completamente maquiavélicos que vão ter de cair e vão cair. Todos. Um por um. Vamos ver tudo a cair. Tudo vai cair. Vamos ver a merda toda a sair! Acabou-se. Acabaram-se os medos todos. Vamos entrar em todas as assembleias, em todas as cozinhas, em todos os parlamentos, em todos os ministérios, em todas as agências. Vamos ver tudo a cair. Porque sem medos, vamos falar sobre tudo. E cada coisa que falarmos, vamos ver essa mesma coisa a cair. Bom... Parece mesmo o Diabo a falar... Pareço mesmo o Diabo a escrever... Só posso ser o Diabo... Devo ser o Diabo... Este meu parágrafo é completamente diabólico. Sou o Diabo, pronto!...

Lembro-me durante a semana intensa de Internet das Coisas, quando estava em casa e ter-me lembrado dos “livros de magia branca” que o bruxo do meu ex-namorado tinha e andava a ler... Lembrava-me que ele tinha uma vez preparado um banho para nós com um desses livros na mão que dizia exatamente “as coisas” que ele tinha de pôr na banheira e lembro-me como ele via essa água sagrada, mais sagrada até que o meu próprio esperma, em que nós “não nós podíamos vir” naquela água com sais e porcarias escritas num dos livros dele. E antes de ter ido à fonte, já com o número mágico na minha cabeça, lembro-me de o ter escrito outra vez no caderno sagrado juntamente com uma frase minha, que agora vou escrevê-la, outra vez, mas por outras palavras «às vezes, os livros que se dizem ser de magia branca, não são livros de magia branca, mas livros de magia negra e é preciso conseguirmos libertar-nos da magia negra através da verdadeira Magia Branca.». Lá ia, outra vez, para a fonte sagrada quando, no caminho, apareceu “o clone”, o sócia, “o gémeo”, do bruxo do meu ex-namorado que olhou para mim, como se me conhecesse, com um meigo sorriso, com um ar e espírito completamente diferente “do bruxo” e em que eu “vi invisivelmente” uma aurela por cima dele. Vi-o de mãos dadas com a namorada dele. Eu não sabia o nome dele e nunca o tinha visto na cidade. Nós conhecemo-nos a todos na cidade, sabemos quem somos...

Hoje, sei que “o clone do bruxo do meu ex-namorado” chama-se Isaac, porque está comigo na Ilha dos Piratas, entrou no filme, a minha maçonaria enviou-o. O Isaac supostamente é hétero, lembro-me de o ver de mãos dadas com a namorada, não sei se é bi, mas está-me sempre a perguntar pelo Fred e quando é que o vai conhecer. Isso deixa-me feliz! Fico sempre feliz quando perguntam pelo Fred! O Isaac é estudante de medicina e diz que sabe quem é o Fred. O Fred diz que não faz ideia quem é que ele é. E por estranho que pareça, eu não vejo aqui nenhum teatro. O que é estranho, nesta estranha Internet das Coisas. Talvez não veja, por causa do Diogo Bugg que me disse para eu ficar tranquilo, porque o Isaac estava fora das legiões...

O Isaac diz que se lembra do dia em que me viu na nossa cidade... Eu não lhe disse que me lembrava dele nem lhe disse ainda que ele é igual ao bruxo do meu ex-namorado, mas perguntei-lhe, por outras palavras, se ele já tinha visto o salva-vidas que estava na outra ponta da ilha que era “igual” a ele... E enquanto lhe perguntei e vi-me preso numa ilha com o bruxo do meu ex-namorado e com outra personagem igualzinha a ele, lembrei-me do dia em que vi 3 “Freds” na ilha dos Piratas. Vi primeiro “um Fred” com o cabelo ruivo que passava por mim com um mentalismo de coisas que parecia que queria ver o que é que eu estava a sentir por ver “um Fred” com cabelo ruivo, um pouco mais novo, com uns 19 ou 21 anos. Vi depois “outro Fred” da idade do Fred com um brinco e com o corpo tatuado com uma caveira dentro de sete triângulos que estava a trabalhar, como um alien, na caixa da mercearia da ilha; na mesma mercearia em que eu tinha entrado com o Fred, quando o Fred estava “naquela personagem” em que parecia o bruxo do meu ex-namorado e que, enquanto o Fred estava no fundo da mercearia, tive de ver a dona da mercearia e a filha ao pé de mim, como se se quisessem agarrar a mim, a benzerem-se e a porem o crucifixo para fora num fantástico diálogo:

«*“Aí, mãe!... O que é aquilo? Sentiste também...?”*;

“Senti, pois, por isso é que me afastei e estou aqui agarrada ao meu crucifixo, estas coisas sentem-se logo...”;

“Aí, que calor dos diabos!”;

“Por isso é que eu saí logo, mal entrou, eu bi logo...”»).

Vi depois, com o ferry-boat a partir num filme nada legal, antes da hora, “outro Fred” com 10, 11 ou 12 anos a saltar do cais em mergulhos que me fazia imergir numa realidade virtual aumentada para uma infância que não era minha, mas que poderia ser e que depois numa realidade viva e a cores fui com “esse Fred” e com a família dele e com o anjo Raphaël e com o clone do bruxo do meu ex-namorado num taxi-boat em que a dinamarquesa família monárquica convidou os 3 salva-vidas a entrar com ela no barco, porque nos viu a ficar em Terra.

Lembro-me do quão mágica e importante, foi essa viagem, para o meu processo de coisas. O anjo e o bruxo do meu ex-namorado em pé vestidos de salva-vidas na cabine do skipper e eu sentado com a família a agradecer a viagem e a apresentar-me num péssimo dinamarquês. O pai não era igual ao Albert, mas a mãe tinha ligeiros traços da Catharina com um outro cabelo. Não era a Helena no meio de 3 irmãos. Era “o Fred” no meio de 3 irmãs. Uma delas era “igual” à Helena. Vi como o mundo real, uma vez mais, está cheio de “mundos paralelos”... E enquanto eu via o paralelismo das coisas, ouvi “o Fred” a lançar um feitiço às irmãs a dizer que ia transformá-las em rapazes e enquanto eu ouvia “a Catharina” preocupada com o dinamarquês “do Fred” e dizia que não era “jeg skal lave jer” que se dizia, eu fazia estupidamente figas às escondidas para quebrar o feitiço que ouvia e ria-me por dentro, porque sabia que se o Fred estivesse comigo naquele barco iria ver as minhas figas e iria rir-se muito comigo. Depois “a Catharina” lá me explicou em inglês que o filho dela estava a fazer aquilo porque as irmãs não saltavam com ele do cais e não jogavam à bola com ele e riu-se muito, tal e qual com os jeitos da Catharina e eu acompanhei os jeitos e ri-me também.

O Isaac não é salva-vidas. Supostamente, não está na Internet dos Salva-Vidas. Mas sem ser salva-vidas, é fácil o Isaac estar na Internet dos Salva-Vidas. O Isaac está connosco na praia, a cobrar a sombra dos colmos da nossa praia para poder pagar as propinas da Faculdade de Medicina... O Isaac vem da minha cidade. O bruxo do meu ex-namorado não é da minha cidade. O bruxo não sai connosco da ilha, não apanha todos os dias como nós o ferry-boat, mas muitas vezes aparece lá no filme dos cafezinhos do cais fardado de salva-vidas lá com os outros salva-vidas e piratas... O bruxo é amigo dos piratas que têm casas na ilha, fica, por isso, na ilha com os piratas. Mas no dia em que perco o ferry, em que o ferry baza mais cedo e eu fico no cais só com o anjo, aparece o bruxo a dizer que o ferry partiu mais cedo, porque ia cheio? Do nada, o bruxo aprendeu a nadar e apareceu neste filme de piratas com uma farda de salva-vidas? Ele nunca soube nadar... Agora é salva-vidas? Apetece-me denunciá-lo ao Instituto de Socorros a Náufragos... Ele não é um salva-vidas de verdade!!! Não pode ser!!! Ele não sabia nadar!!! E agora é salva-vidas??? Ainda por cima, salva-vidas na mesma ilha que eu??? Vá lá... Que ao menos, está noutra ponta da ilha, mas esta ilha está cheia de piratas tecnológicos, que transmitem em tempo real a informação para toda a ilha... Tinha de vir parar à mesma ilha que eu? Socorro!???

Tirem-me deste filme! Estou em vários filmes ao mesmo tempo. São vários processos ao mesmo tempo. Porque como é lógico tudo aquilo que eu tinha apagado da minha memória com o Hugo, agora estou a voltar a lembrar-me das coisas que passei com ele... As coisas que o meu cérebro já tinha apagado... Estão a voltar a pôr um filme à frente do meu cérebro que nem eu nem o meu cérebro queremos... E faz isto parte do Processo, porquê? Se eu agora tenho outro namorado, se eu agora estou com o Fred!!!! Porque é que tenho de levar com o Hugo ao mesmo tempo que estou com o Fred? Porque é que uma maçonaria tinha de voltar a trazer o Hugo, filho de Mestre de Maçons-Magos, outra vez, para o filme da minha vida, quando eu decidi tirar o Hugo do meu filme? Estou no filme maçónico com a minha maçonaria, mas às vezes, os piratas hackeiam-me e metem-me noutra filme com eles. O Hugo está com os piratas. Os piratas acreditam em bruxarias, por isso é que protegem o bruxo do Hugo e as suas bruxarias! E eu, numa ilha de piratas, com piratas, o que é que

eu vou fazer? Vou ter de entrar em todos os filmes. Os piratas também me convidam a entrar nos filmes deles com os facalhões maçônicos. Não tenho escolha.

Estou preso a uma merda de Internet de Coisas. Descobriram que o meu cérebro era tecnológico. Os piratas descobriram as minhas tecnologias. Os piratas descobriram que eu estou carregado de tecnologias. Mas eu sei lá, para que internets é que os piratas andam a descarregar as minhas tecnologias... Sei lá se os piratas estão a alimentar a Internet dos Bruxos com os dados e com as energias do meu espírito... Lembro-me que o Hugo só andava com o meu espírito para experimentar os seus feitiços... Ora, e é claro que enquanto não perceber esta Internet das Coisas não vou dizer ao Isaac que ele é igual ao bruxo do meu ex-namorado e nem vou dizer ao Diogo Bugg que tive um namorado igual a ele mesmo que ele tenha tido um namorado igual a mim e com o mesmo nome que o meu. Enquanto não perceber esta Internet das Coisas vou guardar para mim este meu espiritualismo, porque talvez, este espiritualismo de coisas seja só um espiritualismo meu. Não sei. Não sei o que hei de pensar disto tudo.

O que eu sei, é que me quero libertar de uma vez por todas desta Internet das Coisas, ser livre e começar a escrever sobre as coisas importantes da vida e ver devolvido o meu espiritualismo a sério que eu tinha. O meu espírito está preso. Prenderam o meu espírito a uma Internet de Coisas, a um Jogo de Coisas e a uma Ilha de Coisas. A Ilha dos Piratas devia chamar--se a Ilha das Coisas, porque é onde eu estou a fazer e a ver a ligação de todas as coisas e de todas as internets. Agora não acredito em nada. Uau! Ganda Processo! Palmas para o Processo que me tirou o espírito todo! Palmas para o Processo Tecnológico! Agora, vejo tecnologia em tudo. Se eu já via em quase tudo, agora vejo em tudo... Uau...! Estou tão feliz...! Vejo tudo ligado pela tecnologia... Vejo os “espíritos” todos na rede ligados pelos telefones... Tão “espíritos” que eles são... Tão “fantasmas”... Tão piratas... Uhhhh! Que medo!... Uhhhhhhhh... Que medinho, que eu tenho, de levar no rabinho de todos os piratas... Uhhhh! Que medo!... Que destino!... Estava mesmo “destinado” a vir para a Ilha dos Piratas. Sem saber, ao acaso, trouxe o “amuleto” certo. Tive sorte. Trouxe um amuleto de sorte para a Ilha dos Piratas. Foi uma sorte ter ido para as ilhas da Madeira. Foi um pirata das ilhas da Madeira que numa Bújarda me passou o amuleto e disse que mesmo que eu não fumasse, poderia ser, para mim, um amuleto de sorte. Aceitei “a sorte”.

Trouxe um isqueiro com uma caveira. Foi por acaso. Era o único isqueiro que estava à mão e trouxe-o, porque pensei que me poderia calhar um colega salva-vidas fumador. Fi-lo por altruísmo, por cortesia, por boa-educação, por intuição, sem segundas intenções. Sem querer, conquistei o coração de muitos piratas na Ilha dos Piratas, porque apesar de não ter uma tatuagem com uma caveira, tinha um isqueiro que me tinha sido oferecido por um pirata, que já sabia que eu iria acabar por vir parar à Ilha dos Piratas. Só uma maçonaria de piratas é que me poderia enviar para a Ilha dos Piratas. Assim, vejo que a minha vida está toda astronomicamente calendarizada. Até o dia em fui iniciado *Good-Maçom* estava calendarizado. Até o dia em que eu escrevi o número 666 no meu caderno sagrado estava calendarizado? Isto não faz sentido nenhum, pois não? Eu acho que não faz... Mas isto sou eu... Apetece-me gritar como a Astrologia gritou que eu sou iluminado e não posso por isso estar preso! Esta ilha obriga-me a puxar um narcisismo em mim escondido nos meus genes que herdei e que sempre o quis esconder! Parece que tenho de gritar para poder libertar-me! Socorro! Sou iluminado! Não posso estar preso! Tirem-me deste filme, por favor! Sou iluminado! Os piratas querem foder-me todo! Os piratas querem foder-me o espírito tudo! Estou a ficar sem espírito... Estou a perder o meu espírito... Os piratas querem conquistar-me! Querem conquistar-me o espírito e o coração! Querem que eu lhes entregue o coração! Os piratas querem levar-me o espírito! Os piratas querem roubar-me o que é meu!

20:33 7 de julho de 2021 **Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala**

Publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com em 16 de setembro de 2021